

A depressão infantil na visão espírita

“Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados.”
(Mateus, 5:4.)



Clara Lila Gonzalez de Araújo

claralilazez@gmail.com

O assunto a ser abordado no presente texto trata de *crianças depressivas* e exige alguns esclarecimentos sobre os motivos que as levam a vivenciar esse problema, agravando, sensivelmente, as suas condições emocionais, sociais, cognitivas e espirituais.

A depressão tem sido dividida em *menor* (leve ou distímica) e *maior* (severa). “Segundo pesquisa recente, cerca de 3% dos norte-americanos – uns 19 milhões – sofrem de depressão crônica. Mais de 2 milhões são crianças” (p. 24), conforme dados obtidos pelo escritor Andrew Solomon¹ e

complementa: “A depressão [...] é a principal causa de incapacitação nos Estados Unidos e no exterior para pessoas acima de cinco anos de idade. [...]” (p. 24).

Antigamente, pouco ouvíamos falar da depressão como uma doença, sem nos darmos conta da sua gravidade. A infância era vista como uma das fases mais encantadoras do desenvolvimento humano e ser criança era descobrir as coisas boas da vida adquirindo uma compreensão segura do significado e do valor de nossas vivências cotidianas, ao lado de pais amorosos e bons. Com o

passar dos anos, as novas gerações se defrontaram com tantas mudanças que começaram a agir de acordo com as influências do mundo moderno, eivado de modismos e de cultura tecnológica excessiva, causando algumas dificuldades para o crescimento infantil.

No entanto, nem a depressão, nem as outras doenças, são criações do século XXI. Afirma Solomon que a depressão “[...] aumentou muito em tempos recentes por motivos bastante específicos [...]” (p. 31), e que não podemos ignorá-la por tornar-se, cada vez mais, uma questão clínica extremamente

importante para a saúde mental do indivíduo:

[...] As taxas crescentes de depressão são sem dúvida uma consequência da modernidade. O ritmo da vida, o caos tecnológico, a alienação das pessoas, o colapso da estrutura familiar, a solidão endêmica, o fracasso dos sistemas de crença (religioso, moral, político, social [...]) têm sido catastróficos. Felizmente, temos desenvolvido sistemas para lidar com o problema. [...] (p. 31).

O autor também nos aconselha a fazer determinadas coisas com o intuito de adquirirmos fé em Deus e amor ao próximo, praticando-as para com aqueles que carecem de motivação profunda e encontrem melhores condições de vida, diminuindo os níveis assustadores de estresse e de crises socioemocionais. Nos países em desenvolvimento a depressão prolifera, especialmente em regiões de grande pobreza, assim como outras doenças que mascaram a depressão, como o alcoolismo e os males do coração. A depressão tem crescido mais do que o câncer e do que a Aids e pode ser considerada atualmente a maior responsável pelas mortes no mundo, que

incluem os altos índices de suicídios, em casos extremos da doença (p. 25).

A compreensão do que seja “depressão infantil”, à luz do Espiritismo, não se reveste de muitos esclarecimentos, porém, sabemos que essa situação também ocorre em determinados lares espíritas e se torna dolorosa prova para aqueles que são atingidos por esse sofrimento. De acordo com Allan Kardec, “[...] o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, renascendo para vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências [...]”² causando certos transtornos familiares, se, porventura, o Espírito reencarnante sentir afinidade com as forças mentais do grupo espiritual dissonante que o acompanha.

Dentre essas perturbações, é interessante assinalar as condutas obsessivas inadequadas no cultivo de angústias, de aflições, de medos, de alienações, nas quais as crianças se amarguram, mesmo após os pais buscarem o socorro da ciência médica. Geralmente se trata de um transtorno obsessivo simples e é possível ajudar a criança que possui determinada lucidez e consegue discernir sobre as causas que a incomodam, tornando-a triste e abatida. A autora espírita Suely Cal-

das Schubert³ traz interessantes contribuições sobre o tema:

Crianças obsidiadas – Espíritos milenares vinculados ao passado e, muito frequentemente, sintonizados com desafetos, hoje perseguidores/vingadores que se aproximam para cobrar o que julgam lhes ser de direito e justiça.

A ação dessas entidades inferiores se mostra de diferentes maneiras, desde as perturbações do sono, causando pesadelos que infundem o terror noturno, tanto quanto provocando inquietação, irritação, medo, agressividade, mudança de comportamento, depressão, tristeza, complexos diversos, perturbações de aprendizado, até suscitando ideias terríveis de maldades, suicídio etc.

Em decorrência dessa realidade, como agir com os nossos filhos?

Os pais, para exclusão desse problema, devem recorrer a médicos, psicólogos, e demais especialistas, tendo como objetivo tratar adequadamente da criança. Da mesma forma, providenciar o atendimento espiritual dos passes magnéticos, da água fluidificada, das reuniões do Evangelho no Lar e da Evangelização Infantil, no Centro Espírita, transmitindo carinho

e cuidados especiais ao pequeno enfermo:

O obsidiado que gera no lar situações de difícil contorno é sempre muito infeliz e, por isso mesmo, encontra-se num estágio que o impede de compreender o que se passa à sua volta, tornando-se instrumento de aflições para toda a família. [...]⁴

A paciência é fundamental por parte daqueles que necessitam lidar com a criança espiritualmente enferma, utilizando a prece como recurso primordial para manter o equilíbrio e a serenidade.

Obsessão na infância é assunto delicado e, independentemente dos fatores genéticos e ambientais, traz suas causas profundas no pretérito, atingindo desde muito cedo a vida dessas crianças, mas mudam de acordo com as circunstâncias graças à Misericórdia Divina, que nunca desamparou a nenhum de seus filhos. No livro *Trilhas da libertação*, do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, um dos mentores citados, Dr. José Carneiro de Mendonça, responde a uma das perguntas feitas pelo autor espiritual quanto ao caso de crianças obsessas e de como proceder, pois que elas ainda não dispõem de compreensão

amadurecida para ultrapassar esses obstáculos:

– Não desconhecemos que a obsessão na infância tem um caráter expiatório como efeito de ações danosas de curso mais grave. Não obstante, os recursos terapêuticos ministrados ao adulto serão aplicados ao enfermo infantil com mais intensa contribuição dos passes e água fluidificada – bioenergia –, bem como proteção amorosa e paciente, usando-se a oração e a doutrinação indireta ao agente agressor – psicoterapia –, por fim, por meio do atendimento desobsessivo mediante o concurso psicofônico, quando seja possível atrair o *hóspede* à comunicação mediúnica de conversação direta.

“A visão do Espiritismo em relação à criança obsidiada é holística, pois que não a dissocia, na sua forma atual, do adulto de ontem quando contraiu débito. Ensina que infantil é somente o corpo, já que o Espírito possui uma diferente idade cronológica, nada correspondente à da matéria. Além disso, propõe que se cuide não só da saúde imediata, mas sobretudo da disposição para toda uma existência saudável, que proporcionará uma reencarnação vitoriosa, o que equivale dizer, rica de experiências iluminativas e libertadoras.

Adimos a terapia do amor dos pais e demais familiares envolvidos no drama que afeta a criança.”⁵

Ao destacar a medicina holística como solução para os problemas vividos pela criança obsidiada, o autor nos faz refletir sobre a importância da interação entre a mente e o corpo, bem como entre o espírito e a matéria:

“A influência da mente sobre o corpo é de grande significação para a saúde [...], quando bloqueada pelo psiquismo perturbado, cede campo à proliferação dos germes que se lhe instalam, fomentando os distúrbios que se catalogam como doenças. [...]”⁶

Assim, qualquer abordagem terapêutica deve abranger as partes físicas e morais do ser humano, procurando diagnosticar as causas das doenças de forma integral.

Nem sempre, contudo, as crianças estarão obsidiadas no enfrentamento da situação depressiva, mas sofrem em função de seus processos cármicos, em meio às dores causadas pelos adultos. A rejeição dos pais é um dos mais graves padecimentos para a criança:

O rejeitar o filho que acaba de nascer reflete uma aversão

implícita por parte do pai ou da mãe e conforme a intensidade desse sentimento negativo será também a maneira como o educarão.

Extremamente dolorosos são os dramas vividos por um grande número de crianças cujos pais chegam a maltratá-las, através de agressões e torturas físicas e psicológicas, alguns relegando-as a estranhos, a instituições e até mesmo às ruas, a fim de se livrarem do que consideram a indesejável presença.⁷

É lamentável sabermos que muitas crianças estão completamente desprezadas, resultado da negligência de pais irresponsáveis e cruéis, obrigadas a passar uma vida de restrições, de maus-tratos e de carências extremas de afeto e de amor.

Várias delas, porém, de famílias bem-estruturadas, são agredidas a partir das dificuldades que os pais encontram na criação dos filhos. No relacionamento familiar a agressão ocorre, para muitos, de modo excessivamente contundente e autoritário, como modelo educacional para que a criança obedeça às ordens determinadas pelos genitores, que ignoram a necessidade do diálogo franco, sincero e paciente para que ela possa aceitar as suas solicitações, sem estar totalmente dependente deles e com isso

construir a sua personalidade, tornando-se uma pessoa equilibrada e autônoma. A violência e a hostilidade serão sempre o oposto da compreensão, da benevolência e da mansuetude. Quando agimos com arrogância, é natural que os filhos reajam com maior ou menor insegurança, que pode levá-los a comportamentos anômalos, fruto de angústias profundas, conforme as circunstâncias em que essas experiências lhes são impostas. Aos pais cabe o dever de amá-los, sem demonstrar ternura de modo excessivamente possessivo e sem exigir que se transformem em cópias vivas deles mesmos, desrespeitando as características individuais de sua prole.

A melhor maneira de ajudarmos aqueles que muito amamos é evangelizando-os! Os pais, os demais familiares, devem encaminhar as crianças para as atividades da Evangelização Espírita promovidas pelas instituições espiritistas, e sensibilizar os filhos acerca da importância da mensagem doutrinária, como nos aconselha o estimado amigo e Espírito Adolfo Bezerra de Menezes (1831–1900):

Mediante diálogos saudáveis e os exemplos morais vivenciados no lar [...] confirmando-lhes os conteúdos

doutrinários por meio da conduta responsável, alegre e harmônica na intimidade doméstica. [...]

*Não há método mais eficaz para a aprendizagem do que a lição do exemplo.*⁸ (Grifo nosso.)

REFERÊNCIAS:

- ¹ SOLOMON, Andrew. *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão*. Trad. Myriam Campello. 2. ed. 6. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. cap. 1 – *Depressão*, p. 24, 25, 31.
- ² KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 6. imp. [Edição Histórica]. Brasília: FEB, 2015. cap. 8, it. 3.
- ³ SCHUBERT, Suely C. *Mediunidade e obsessão em crianças*. 6. ed. Votuporanga: Casa Editora Espírita “Pierre-Paul Didier”, 2014. cap. 10 – *A criança obsidiada*.
- ⁴ FRANCO, Divaldo P. *Constelação familiar*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: LEAL, 2008. cap. 19 – *Transtornos de conduta na família*.
- ⁵ _____. *Trilhas da Libertação*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 10. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2014. cap. *Ampliando os conhecimentos*, p. 22 e 23.
- ⁶ _____. _____. cap. *Medicina holística*, p. 12.
- ⁷ SCHUBERT, Suely C. *Mediunidade e obsessão em crianças*. 6. ed. Votuporanga: Casa Editora Espírita “Pierre-Paul Didier”, 2014. cap. 4 – *Rejeição e aversão dos pais*, p. 52.
- ⁸ DUSI, Miriam Masotti. [Coord.]. *Sublime sementeira: Evangelização Espírita Infantojuvenil*. 1. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2015. pt. 1 – *Entrevistas*, cap. *Entrevista com Divaldo Franco, sob inspiração de Bezerra de Menezes* – 2011/2012, q. 7.